

social

AUTORES DE NOVELAS HESITAM EM COLOCAR A PALAVRA “CÂNCER” NOS TEXTOS, COM RECEIO DA REJEIÇÃO DO PÚBLICO

Vilão de seis letras

O câncer já norteou o enredo de muitos dramas na ficção e na vida real. Basta observar algumas novelas para perceber que algo iguala dramaturgia e realidade: o medo de escutar a palavra, que, para muitos, ainda é sinônimo de sofrimento e morte. Recentemente, na novela *Amor à Vida*, dois personagens foram vítimas da doença: a jovem Nicole (Marina Ruy Barbosa), que morreu na metade da história, e a advogada Silvia (Carol Castro), obrigada a retirar um seio. Pouco se ouviu falar claramente em “câncer”. Sempre se tratava de “um nódulo”, “aque-la doença”, “algo pior”.

Apesar de negarem censura das emissoras, autores admitem receio em empregar essa palavra, seja por motivos pessoais ou em respeito ao sentimento do público. Em 2000, Manoel Carlos comoveu o Brasil com *Laços de Família*. A história da personagem Camila (Carolina Dieckmann), portadora de leucemia que raspou a cabeça em horário nobre, por conta dos efeitos da quimioterapia, alavancou as campanhas de doação de medula óssea no País. “Sempre que escrevo a palavra ‘câncer’, eu a cerco de cuidados especiais, pensando nos telespectadores que têm a doença. Eles tanto podem aumentar



Em 2010, na novela *Ti Ti Ti*, Giulia Gam foi Bruna, personagem que descobre um câncer de mama avançado

Raquel Ripani raspou a cabeça para representar Tatiana, que tinha câncer de mama em *Caras e Bocas*



Em 2001, Bia Seidl interpretou Vera, que descobriu um câncer na oitava temporada de *Malhação*

o volume da TV, para ouvir o que se vai dizer sobre a questão, como desligar o aparelho ou sair da sala, por não querer nem ouvir”, diz o autor. Ele conta que viveu essas duas experiências por meio de mensagens e declarações que recebeu diretamente do público.

Manoel Carlos cita um exemplo familiar para ressaltar o impacto que a palavra “câncer” causa. “Minha mãe morreu com mais de 90 anos, de morte natural, sem nenhuma doença grave, mas jamais falou a palavra. Usava sempre, como algumas pessoas ainda usam, a expressão ‘aquela doença’, fazendo ao mesmo tempo o sinal da cruz”, lembra o autor.

OPÇÃO PESSOAL E INTUITIVA

Walcyr Carrasco, autor de *Amor à Vida*, confessa que evitar a palavra “câncer” é proposital. “Eu percebi que as pessoas, mesmo quando têm câncer, hesitam em usar essa palavra”, afirma.

Ele justifica sua escolha dizendo que a novela não é um documentário e que não existem porquês, já que o processo de criação é subjetivo. “Eu absorvo as informações e depois isso se transforma em ficção. Não é como uma tese de doutorado, em que eu queira provar uma coisa ou outra, mas algo inteiramente pessoal, intuitivo”, esclarece. Carrasco tratou do mesmo tema em outras obras, como *Caras e Bocas*, com o câncer de mama da personagem Tatiana (Raquel Rapini), e em *Da Cor do Pecado*, na

Em *Amor à Vida*, Silvia (Carol Castro) retira um seio após o diagnóstico de câncer de mama



Hilda, personagem de Maria Padilha, também enfrentou o câncer de mama em *Mulheres Apaixonadas*

Walcyr Carrasco admite que tem receio de colocar a palavra “câncer” nos textos

Novela aumenta número de doadores de medula óssea

O número de pessoas cadastradas no Registro Nacional de Doadores de Medula Óssea (Redome) cresceu significativamente depois que, em dezembro de 2000, foi ao ar a cena em que a personagem Camila, interpretada por Carolina Dieckmann na novela *Laços de Família*, de Manoel Carlos, raspou a cabeça, por conta de uma leucemia.

Até 1999
9.529

2000
11.981
(2.452 novos)

2001
20.436
(8.455 novos)

2002
35.809
(15.373 novos)



Fonte: Redome



qual a surfista Mõa (Alinne Moraes) sofria com um tumor maligno no cérebro.

Lauro César Muniz é autor da novela *Máscaras*, da Rede Record. Nela, a atriz Bruna Di Túlio raspou a cabeça para dar vida à personagem Sônia, com câncer em fase terminal. “A palavra realmente tem uma conotação agressiva, como os palavrões. Não sou contra os palavrões, assim como não evito a palavra ‘câncer’. Semanticamente tem muita força nos diálogos. Quando faço uma cena crua, dura, sem nenhum respiro poético, uso a palavra ‘câncer’. Se, no entanto, a cena é suave, lírica, intimista, não a uso, porque quebra o lirismo”, explica o autor.

Muniz, porém observa que ultimamente tem ouvido pacientes com câncer se abrirem mais a respeito da doença. “Ouve-se realmente pessoas dizendo, sem o menor preconceito: ‘Estou com câncer no intestino’. Os eufemismos, em geral, criam certo artificialismo. Acho que a morte está deixando de ser um tabu. Hoje, fala-se no tema com mais naturalidade”, finaliza. ■

“Sempre que escrevo a palavra ‘câncer’, eu a cerco de cuidados especiais, pensando nos telespectadores que têm a doença. Eles tanto podem aumentar o volume da TV, para ouvir o que se vai dizer, como desligar o aparelho ou sair da sala, por não querer nem ouvir”

MANOEL CARLOS, autor de novelas

TABU VEM DO TEMPO EM QUE DOENÇA ERA “SENTENÇA DE MORTE”

A vice-presidente da Sociedade Brasileira de Psico-Oncologia, regional Rio de Janeiro (SBPO-RJ), Luiza Polessa, explica que a dificuldade em falar a palavra “câncer” existe para os portadores da doença, seus familiares e a população em geral. A diferença é que uns enfrentam, enquanto outros recuam. “O que observo em minha prática profissional é que experiências próximas malsucedidas geram tamanho temor em relação à doença que até pronunciar seu nome torna-se extremamente perturbador”, comenta.

Já experiências menos traumáticas, ou bem-sucedidas, determinam uma relação mais amena com a patologia. “Essas pessoas falam mais naturalmente a palavra ‘câncer’. Não se valem de imagens, eufemismos, diminutivos, como ‘um probleminha’, ‘um negocinho’, ‘um carocinho’, ‘aquela coisa ruim’, ‘aquilo que não se deseja ao pior inimigo’”, revela.

Segundo Luiza Polessa, ser mais ou menos escolarizado ou favorecido economicamente não muda o impacto que a palavra provoca nas pessoas. “O medo que o paciente e seus familiares têm da doença vai determinar a relação que se estabelece com a palavra. Pessoas mais velhas, que presenciaram casos para os quais a medicina não tinha resposta favorável, têm muita dificuldade não só de falar, mas também de ouvir a palavra”, informa. Ela acrescenta que em muitos desses lares a palavra é proibida de entrar, mesmo que a doença já esteja lá. “Os próprios médicos, muitas vezes, não nomeavam a patologia, que durante muito tempo era recebida como uma sentença de morte. Já pessoas mais jovens, que acompanharam um maior número de casos em que a doença foi curada, controlada, ou mesmo a morte não foi tão sofrida, têm menos medo de falar abertamente o nome ‘câncer’.”

A psicóloga acredita que o tabu relacionado à palavra está menor por conta da divulgação da própria doença. Atualmente, profissionais da saúde, de outras áreas e a mídia falam em “câncer” abertamente. “Campanhas informativas e preventivas, associações de apoio a pacientes e familiares empregam a palavra em seus cursos, abordam diretamente o assunto. Essa tem sido uma grande contribuição na quebra de estigmas que a palavra carrega. Espero, para um tempo não distante, que todos, independentemente de idade, escolaridade e cultura, possam falar sobre câncer com menos temor e mais consciência.”